

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Alexander Dyego Fávero ALMEIDA¹
João Henrique Silva GOBI¹
Dirléia Aparecida Sbardelotto CASTELLI²
joaosg6@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O referido trabalho se trata a respeito da experiência obtida pelos profissionais de Educação Física em relação ao aluno com deficiência e a questão da inclusão no meio escolar, em especial do aluno surdo. Este assunto na atualidade é muito discutido no âmbito escolar e na sociedade, pois é de conhecimento geral que todo aluno independente da deficiência, ter direito a uma educação de qualidade, sendo que a escola deve se adaptar ao aluno, e não o aluno á escola. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo analisar como está ocorrendo a inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física no ensino regular na visão dos professores. **Metodologia:** O estudo caracterizou-se sendo de campo do tipo qualitativo. Foi aplicado um questionário com 13 questões de forma semi-estruturada para uma amostra de 20 professores de Educação Física de Colégios Estaduais do município de Cascavel e Cafelândia-PR que ministram ou ministraram aulas de Educação Física para alunos com deficiência auditiva, em seguida as questões foram analisadas qualitativamente. **Resultados:** Professores possuem pós-graduação em Educação Especial no seu currículo representam 50% no presente estudo, tal qual é importante para a integração escolar ser um dos métodos para acabar com a discriminação social estabelecida no meio ambiente educacional. **Conclusão:** A maioria dos professores possui experiência suficiente para que o processo de inclusão do aluno surdo ao meio escolar regular ocorra, fazendo com que o mesmo seja satisfatório.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Física e deficiência auditiva.

Acadêmico do curso de Educação Física Bacharelado – Centro Universitário FAG¹
Orientadora do curso de Educação Física Bacharelado – Centro Universitário FAG²

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

**ALEXANDER DYEGO FAVERO ALMEIDA
JOÃO HENRIQUE SILVA GOBI**

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Projeto apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção de aprovação semestral no Curso de Educação Física Bacharelado do Centro Universitário FAG

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof. M.^a Dirleia Aparecida Sbardelotto Castelli

Prof. M.^a Francielle Cheuczuk
Banca avaliadora

Prof. Msd. Jean Coelho
Banca avaliadora

Cascavel, 2016

1 INTRODUÇÃO

O processo de inclusão social da pessoa com deficiência necessita de um método diferenciado, buscando sempre um ambiente propício e a colaboração de todos para que isso ocorra (LUCHESE, 2003).

Em um Congresso realizado na cidade de Salamanca (Espanha) em Junho de 1994 com a participação de 88 países e 25 organizações internacionais, relatou-se vários pontos importantes que devem servir como reflexão até hoje. Houve um consenso que toda criança tem direito à educação, pois possuem características e habilidades de aprendizado distintas, sistemas de ensino que se adaptem a tais características independentemente das quais e principalmente escolas com orientação inclusiva, que tenham a capacidade de tornarem-se ambientes acolhedores, com um objetivo de uma boa educação para todos, seja qual for a deficiência, tendo que a escola se adaptar ao aluno e não o aluno à escola (GLAT; R, 2007, Apud PEDROSA et al, 2013).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2010) 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, cerca de 9,7 milhões relatou ter deficiência auditiva (5,1%). A deficiência auditiva severa foi declarada por mais de 2,1 milhões de pessoas. Destas, 344,2 mil são surdas e 1,7 milhão de pessoas têm grande dificuldade de ouvir.

Diante dessas situações, o ensino inclusivo é uma alavanca educacional na vida de todos que estão envolvidos direta ou indiretamente. Significa uma ascensão num conhecimento geral, independentemente do tipo da diferença, seja ela classe social, cultural, racial, todos têm o direito de ter uma educação igualada. Seguindo essa linha de raciocínio, professores capacitam seus métodos de ensino na questão da inclusão, os alunos normais tem uma percepção que é necessária uma igualdade social e o aluno deficiente sente-se em um patamar de igualdade em relação aos outros, cumprindo essas abordagens acima com certeza haverá um melhor nível de convivência para se chegar em uma paz social (STAINBACK S.; STAINBACK W., 1999).

A comunicação entre pais e profissionais tem fundamental importância no processo de desenvolvimento, o que nem sempre acontece, pois a compreensão dos pais em relação ao descobrimento de meios positivos para gerar mudanças realmente necessárias e evitar algumas dificuldades poderia ser amenizada com o apoio adequado do professor. Entretanto os pais devem dizer o que pensam e estarem abertos a sugestões, não fazer

ameaças, procurar ter contato com outros pais que estejam na mesma situação, questionar o profissional em relação ao nível de conhecimento com o aluno surdo, estar sempre presente no meio escolar, procurar ajuda quando o problema não puder ser resolvido e apoiar o profissional ou os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem de seu filho (FREEMAN, 1999).

Como em qualquer outra matéria, a Educação Física deve proporcionar aos alunos um desenvolvimento social, cognitivo, psicológico, afetivo e motor, preparando-os para exercer suas funções, capacidades e principalmente sua opinião própria fora da escola, ou seja, na sociedade em si. Assim, a educação inclusiva adotada pelo professor reforçará o pensamento de alunos que não tem nenhum tipo de deficiência e facilitará o convívio na sala de aula em relação ao respeito e a diversidade estabelecida pelas diferenças (ZUCHETTI, 2011, Apud PEDROSA et al, 2013).

Deste modo, a prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento social deve abordar propostas de ensino teórico-metodológicas que estimulem o trabalho de afetividade dos alunos como jogos de estafeta, aguçando-os a desenvolver sua própria autonomia e liberdade para expressar seus pensamentos e ações, tendo sua opinião no meio social, além do desenvolvimento motor que é extremamente importante para seu futuro (NOZI; VITALIANO, 2012, Apud PEDROSA et al, 2013).

O aluno com deficiência auditiva é capaz de entender o conteúdo e frequentar a escola regular como qualquer outro aluno, basta o professor estar preparado e a partir dessa desigualdade, criar métodos e recursos pedagógicos específicos para que ele adentre no processo de aprendizagem, demonstrar a proposta da aula para que haja o contato visual estabelecendo assim um ponto de equilíbrio para que todos caminhem nivelados e em uma mesma direção para alcançarem os objetivos planejados durante o ano letivo (NOZI; VITALIANO, 2012, Apud PEDROSA et al, 2013).

O conhecimento do professor em relação a língua necessária para o entendimento com o aluno surdo, (LIBRAS) e o aprimoramento sobre a deficiência específica (surdez), é indispensável, pois a comunicação é muito importante. Essa falta de “diálogo” pode acarretar malefícios ao desenvolvimento motor destes alunos, pois a ausência de movimentos corporais diferenciados e específicos pelo não contato com o profissional, ocasionará sem dúvidas uma falta de equilíbrio, alteração da marcha, dificuldade de ritmo (caminhada e corrida), isso consequentemente levará o estudante à uma qualidade de vida na questão de locomoção, limitada (GORGATTI, 2004 , Apud PEDROSA et al, 2013).

Desta forma, este estudo teve como objetivo analisar como está ocorrendo a inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física no ensino regular na visão dos professores.

2 MÉTODOS

O estudo cumpriu com as “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos” conforme resolução (466/12) editadas pela Comissão Nacional de Saúde, sendo aceito sob parecer número 1.725.410 do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Trata-se de um estudo qualitativo correlacionado com quantitativo, tendo valores de frequência e percentual dos dados recolhidos.

Foi adotada a metodologia do tipo descritiva, tendo como população alvo 20 professores de Educação Física tanto do sexo feminino quanto masculino que já tiveram ou estão tendo experiência diante do aluno surdo ou com alguma deficiência auditiva no meio escolar regular.

Foram inclusos todos aqueles professores que se enquadram nas características da população/amostra e que assinaram os termos de participação do estudo. Foram utilizados critérios de exclusão para professores que nunca trabalharam com aluno surdo em sala de aula. Também foi ressaltado o direito do voluntário abandonar a pesquisa à qualquer momento se o mesmo sentir-se constrangido antes, durante ou depois sua participação.

Para obter o total consentimento dos professores participantes foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido orientando-os sobre os objetivos da pesquisa, procedimentos e também deixando claro que sua identidade seria totalmente resguardada.

Entramos em contato com o NRE (Núcleo Regional de Educação) de Cascavel-Pr para identificar quais os Colégios em que havia estudantes surdos em Cascavel-Pr e região e apresentar quais seriam as propostas da pesquisa e seus objetivos, posteriormente entramos em contato com esses Colégios para uma visita técnica e primeiro contato com os professores.

Sendo assim, foi encaminhada uma carta informativa ao diretor geral do NRE de Cascavel-Pr que nos permitiu agendar horário e data com 20 professores selecionados para

a pesquisa preferencialmente na sala dos professores em seus respectivos Colégios onde há mais facilidade na comunicação do que na sala de aula.

As coletas de dados foram realizadas em 6 Colégios Estaduais de grande porte de Cascavel e Cafelândia-PR. O instrumento utilizado para essa coleta foi um questionário semi-estruturado contemplando 13 questões para professores de Educação Física adaptado de (PEDROSA et al, 2007).

Contudo, para garantir que todas as respostas sejam honestas e fidedignas, as informações foram recolhidas e houve uma confidência dos dados, não os repassando para terceiros.

As questões foram avaliadas por meio de análise qualitativa correlacionada com quantitativa tendo valores de frequência e percentual dos dados recolhidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o objetivo do estudo de analisar a inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física no ensino regular na percepção dos professores, podemos apontar que todos os professores, (100%) são formados em Educação Física (Licenciatura), e já tiveram ou estão tendo contato com o aluno surdo na escola. Foram questionados 20 professores, identificados como professor 1 (p1); professor 2 (p2); professor 3 (p3) e assim sucessivamente, estão divididos em 7 do sexo feminino com média de idade de 33 anos (35%), e 13 do sexo masculino, com média de idade de 31 anos (65%).

Dentre eles, 50% possuem pós-graduação em Educação Especial no seu currículo, tal qual é importante para a integração escolar ser um dos métodos para acabar com a discriminação social estabelecida no meio ambiente educacional, acredita-se que não é uma opção, mas sim um direito do ser humano ter a educação como base essencial em sua vida, e que os indivíduos com algum tipo de deficiência devem fazer parte das escolas (STAINBACK S.; STAINBACK W., 1999).

Em relação ao tempo de atuação na Educação Física escolar, 7 professores (35%) possuem menos de 5 anos de trabalho, 7 deles (35%) estão de 5 à 10 anos e 6 (30%) estão à mais de 10 anos na área.

Tabela 1. Valores de frequência trabalhados com relação a maior porcentagem assinalada (n) e percentual (%) do nível de experiência do profissional de Educação Física em relação à inclusão do aluno surdo.

EXPERIÊNCIA	Frequência (n=20)	Percentual (%)				
		Não satisfatório	Regular	Satisfatório	Muito satisfatório	Excelente
Relacionamento professor/aluno	10 p	10%	15%	50%	25%	0%
Participação do aluno com deficiência	13 p	0%	15%	65%	15%	5%
Convívio com outros alunos	8 p	0%	40%	25%	20%	15%
Interação nas atividades	12 p	0%	10%	60%	5%	25%

De acordo com a Tabela 1, quando questionados sobre a relação professor/aluno, 50% dos professores relataram que esta relação é satisfatória, p1 disse: “Devido a pouca formação e informação na atuação com alunos surdos, encontrei dificuldades de comunicação e adaptações curriculares, porém, com o tempo as relações foram se aprofundando e tornando-se compensatórias a todos, tornando-se uma experiência sem igual na minha carreira”, já p7 comentou: “Ainda que seja uma relação complexa, conseguia reconhecer suas necessidades e elaborava métodos para a melhor inclusão dele nas atividades propostas”.

Segundo Santos (2010), o entendimento do aluno surdo em relação ao professor que não estabelece diferenças entre seus alunos é praticamente impossível, como existe claramente a dificuldade oral de ambas as partes, o professor deve criar meios de comunicação para que ocorra o diálogo e conseqüentemente uma boa relação. “Alcancei meus objetivos, fui compreendida e compreendi os alunos”, relatou p2.

“Tanto na teoria quanto na prática eles devem fazer a leitura labial, ou seja, é interessante que o professor direcione seu campo de visão a eles”, citou o p15. Devem-se criar métodos para que as restrições quanto à participação do aluno surdo nas aulas de Educação Física sejam cada vez menores, procurando atualizar-se quanto aos conhecimentos para ter êxito no processo de comunicação (WINNICK, 2004, Apud

PEDROSA et al, 2013). P2 afirmou: “Eles eram muito mais participativos que qualquer outro aluno”.

Para Quadros (2008), a integração na escola é importante para aumentar o nível afetivo entre todos que estão neste meio fornecendo uma maior possibilidade para que as pessoas com deficiência possam usufruir o direito de igualdade em qualquer situação. O p6 relata que: “O aluno procura se relacionar com os colegas e vice versa, apesar disso, o diálogo entre eles é conflituoso, devido a não compreensão de ambos, sendo necessária a intervenção do professor”.

Um fator de extrema importância que devemos levar em consideração e é sem sombra de dúvidas uma das qualidades que o profissional de Educação Física deve ter em seu repertório, é a criatividade, pois estabelece uma capacidade intrínseca de lançar meios em que todos possam aprender, pois uma das grandes dificuldades dos alunos senão a maior é ter uma participação mais ativa e a interação nas aulas, por isso o professor é o principal mediador para que isso venha acontecer.

O p4 relatou: “Interage em todas as atividades depois que compreende a explicação”, p2 completa: “Satisfatória, se o profissional tiver consciência de que deve incluí-lo e como incluí-lo”.

Tabela 2. Valores de frequência trabalhados com relação a maior porcentagem assinalada (n) e percentual (%) do nível de interesse do profissional de Educação Física em relação à inclusão do aluno surdo.

em relação a meras do aluno surdo.					
	Frequência (n=20)	Percentual (%)			
INTERESSE		Nenhum	Pouco (a)	Regular	Alto(a)
Informações referentes ao curso (LIBRAS)	12 p	25%	60%	5%	10%
Interesse em cursar LIBRAS	10 p	5%	25%	20%	50%
Nível de contato com os pais	10 p	15%	25%	50%	10%

Na Tabela 2, observa-se que a questão de informações relacionadas a cursos de LIBRAS, depende da divulgação de cursos de extensão online ou presenciais e do marketing através de banners, outdoors, entre outros, sendo assim, é relativo o acesso do professor a estes cursos, pois depende da parte administrativa da empresa ou estabelecimento que estará fornecendo-o. Devido a pouca divulgação, os professores possuem estas informações através de outros meios.

“São oferecidos poucos cursos de formação pelas organizações e o professor geralmente procura recursos na internet” diz o p10. Já p1 argumenta que: “Devido a muitos contatos e alguns amigos surdos, os cursos pagos no ACAS e também cursos gratuitos fornecidos na UNIOESTE, são freqüentemente apresentados a mim particularmente, bem como cursos relâmpagos para aperfeiçoamento e interações básicas em grupos de amigos”.

Analisando a questão relacionada ao interesse do professor em cursar LIBRAS, chegamos à conclusão que este interesse parte de cada um, pois tudo depende de seus planos futuros, quais são as áreas de atuação que lhe despertam mais interesse, sua disponibilidade de tempo em estar realizando tal curso, entre outros fatores. O p1 menciona em seu comentário: “Desde o término da minha primeira formação busquei o curso, porém, questões de horários que batiam com o trabalho ou estudos ainda não foram realizados”.

O envolvimento com crianças surdas segundo Freeman (1999), demonstra que os objetivos tanto dos pais quanto das pessoas que trabalham com elas sejam iguais. Sendo assim, os resultados são satisfatórios, porém, nem sempre os dois vivem em total acordo. Contudo, uma parceria esta apoiada na maneira de como este relacionamento está durando e crescendo apesar das diferenças de opiniões. “Os pais, apesar de preocupados, vinham pouco a escola, as conversas se limitavam a entrega de boletins” diz o p10. P16 complementa: “A direção tem mais contato e nos repassa algumas situações”.

Tabela 3. Valores de frequência trabalhados com relação a maior porcentagem assinalada (n) e percentual (%) em relação à preparação acadêmica (Licenciatura) do profissional de Educação Física.

Nível de preparo (Licenciatura)	PREPARAÇÃO ACADÊMICA		
	Despreparado	Preparado	Totalmente preparado
Frequência (n=20)	14 p	6 p	0 p
Percentual (%)	70%	30%	0%

A Tabela 3 demonstra que a porcentagem de professores que pós-formação acadêmica saem despreparados é predominante em relação aos que saem preparados, o aprendizado é superficial, pois os conteúdos abordados durante o curso são interessantes e extremamente importantes, no entanto, não são revisados durante o período letivo da Faculdade. Diante dos comentários que serão citados no próximo parágrafo, conclui-se que o que não é utilizado acaba se tornando esquecido.

“[...] ao se deparar com esses alunos no dia-a-dia, é necessário muito mais que estudo, esforço pessoal do professor para não deixar esses alunos à margem da turma”.

“Preparado para questões teóricas, a prática é o dia a dia quem ajudará”.

“Só aprende com o tempo na prática. Uma vez bem fundamentado”.

“Sai com orientações que podem ser esquecidas por não serem utilizadas”, dizem p1, p4, p9 e p12, respectivamente.

Segundo Nonato (2006), na medida em que aumentam as políticas de inclusão de alunos surdos em escolas comuns, os profissionais deveriam ser preparados para trabalhar com as necessidades especiais desses indivíduos, responsabilidade que deve ser atribuída aos cursos de formação e, principalmente, às políticas educacionais do governo federal brasileiro, que recomendam a inclusão dos surdos. P18 complementa na frase abaixo:

“[...] é necessário que haja um empenho maior por parte do governo”.

Tabela 4. Valores de frequência trabalhados com relação a maior porcentagem assinalada (n) e percentual (%) em relação à preparação pós-acadêmica do profissional de Educação Física.

	PREPARAÇÃO PÓS-ACADÊMICA				
	Nenhuma formação	Extensão online	Extensão presencial	LIBRAS	PROLIBRAS
Frequência (n=20)	11 p	1 p	5 p	3 p	0 p
Percentual (%)	55%	5%	25%	15%	0%

A respeito da Tabela 4, embora seja muito importante no processo de inclusão do aluno um professor bem capacitado e qualificado para tal desafio, grande maioria não possui formação alguma em cursos específicos voltados para o aluno surdo.

Nesse sentido, Lorenzetti (2002), abrange a importância da formação desses profissionais por meio de cursos, debates, seminários, reflexões teóricas e práticas sobre a proposta de uma educação inclusiva.

Quando nascemos, estamos com nossos sentidos naturalmente prontos para serem usados e desenvolvidos. Isso não depende que outra pessoa nos ensine. Ver, ouvir, sentir, cheirar e tocar são coisas que aprendemos sozinhos. O que não conseguimos é desenvolver uma língua sem aprendê-la com alguém. A linguagem só se desenvolve por meio da interação com outra pessoa que tenha domínio da fala. É uma habilidade passada de geração a geração, ensinando e aprendendo (SACKS, 1989).

Tabela 5. Valores de frequência (n) em relação às metodologias utilizadas pelos profissionais de Educação Física no processo de inclusão do aluno surdo.

	METODOLOGIA UTILIZADA				
	Oralismo	Comunicação total	Bilingüismo	Pedagogia surda	Métodos visuais
Frequência (n=20)	10 p	12 p	1 p	0 p	10 p

*Nesta tabela não há valores de percentual retirados das alternativas, pois era permitido assinalar mais que uma opção. Adaptado de: PEDROSA; V. S. et al. (2013).

A Tabela 5 apresenta três principais formas de metodologias utilizadas pelos professores de Educação Física nas escolas tanto nas aulas práticas quanto teóricas, são elas: oralismo, comunicação total e métodos visuais.

Quando correlacionada com estudos de Dorziat (1997), encaixa-se especificamente a técnica de comunicação do método oralista. Baseado em três partes: o treinamento auditivo, o desenvolvimento da fala e a leitura labial. Treinar a audição por

meio do desenvolvimento do resíduo auditivo para que o surdo aprendesse a discriminar os sons e conseqüentemente, pudesse desenvolver a sua fala. Essa ainda é até hoje a filosofia dos defensores do oralismo.

A principal meta era o uso de qualquer estratégia que pudesse permitir o resgate na comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos que colaborassem com o desenvolvimento da língua oral (SCHELP, 2008). Para Marchesi (1995), o método da comunicação total não surge para fazer negação ao oralismo, que até então vigorava na educação de surdos: “[...] a comunicação total não está em oposição à utilização da língua oral, mas apresenta-se como um sistema de comunicação complementar”.

A metodologia realmente desejada pelo povo surdo é a pedagogia surda, visto que as lutas destas pessoas giram em torno da constituição da subjetividade do jeito surdo de ser, ou seja, da construção de sua verdadeira identidade e consagração de sua cultura, e que só poderá ocorrer no encontro com seus pares (PERLIN, 2006).

4 CONCLUSÃO

Com os resultados obtidos no presente estudo, podemos observar que o relacionamento professor/aluno mediante as respostas analisadas é satisfatório e está profundamente associado com o fator comunicação que se deve a uma boa expressão e compreensão de ambos os lados e também da aplicação de métodos adequados de ensino para que o mesmo ocorra.

No que se diz respeito à interação e participação dos alunos nas atividades propostas, concluiu-se que há uma porcentagem ampla de estimulação do professor para que tenham um bom convívio com outros alunos, tendo que expor sua capacidade de criatividade e de conhecimentos sobre o assunto. Desta forma, é necessária uma busca aprofundada do conhecimento pelo professor além de sua formação acadêmica, pois o processo de inclusão necessita de profissionais capacitados para tal desafio.

Embora todos os profissionais que participaram deste estudo estão tendo, ou já tiveram contato com aluno surdo em sala de aula e conseguirem se adaptar e criar meios para que a inclusão ocorra ainda se definem não preparados o suficiente apesar do empenho e conhecimento sobre o assunto.

Este estudo apresenta algumas limitações, pois em relação ao número de professores questionados sobre tal assunto, ainda é possível que haja um estudo com um maior público, viabilizando assim, uma maior possibilidade de respostas na questão qualitativa para comparação com a literatura, conseqüentemente uma discussão e resultados com mais conteúdos.

Desta forma, são necessários programas públicos e maior investimento em cursos profissionalizantes para atender as necessidades que a inclusão propõe, para poder explorar as capacidades destes alunos e não apenas suas deficiências e limitações.

Por fim, conclui-se que a grande maioria dos professores possui experiência suficiente para que o processo de inclusão do aluno surdo ao meio escolar regular ocorra, fazendo com que o mesmo seja satisfatório.

REFERÊNCIAS

DORZIAT, Ana. **Concepções de Surdez e de Escola: ponto de partida para um pensar pedagógico em uma escola pública para surdos**. São Carlos / SP: Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado em: 11 Nov. 2016

FREEMAN; R. D. **Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas**. Brasília-DF: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, 1999.

LORENZETTI, M. L. **A Inclusão do aluno surdo no ensino regular: a voz das professoras**. Ver Espaço [periódico na internet]. 2002. Disponível em: <<http://www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/AnaClaudiaTenor.pdf>> Acessado em 11 Nov. 2016

LUCHESE; M. R. C. **Educação de pessoas surdas: Experiências vividas, histórias narradas**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

MARCHESE, A. **Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado em: 11 Nov. 2016

NONATO, J. L. **Leitura, escrita e surdez: a representação do surdo sobre seu processo de escolarização [dissertação]**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006. Disponível em: <<http://www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/AnaClaudiaTenor.pdf>> Acessado em: 11 Nov. 2016

PEDROSA; V. S. et al.. **A experiência dos professores de Educação Física no processo de inclusão escolar do estudante surdo**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2013; 21(2) p 106-115. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/3703/2599>> Acessado em: 18 Abr.2015

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado 13 Set. 2016

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPH, Marianne Rossi. **Estudos Surdos III: Mudanças Estruturais para uma Inclusão Ética**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado em: 10 Ago. 2016

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. Editora. Schwarcz Ltda. São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado em: 11 Nov. 2016

SANTOS, M. P. **A família e o movimento pela inclusão.** In: Ministério da Educação e Cultura. Salto para o futuro: educação especial: tendências atuais. Brasília, DF: MEC, SED; 1999. Disponível em: <<http://www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/AnaClaudiaTenor.pdf>> Acessado em: 29 Out 2016

SCHELP, Patrícia Paula. **Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva.** Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>> Acessado em: 15 Jul. 2016

STAINBACK, S. **Inclusão: Um guia para educadores/ Susan Stainback e William Stainback.** Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1999.